

**PINTO, J. M. COMUNICAÇÃO E DISCURSO: INTRODUÇÃO À ANÁLISE DE DISCURSOS. SÃO PAULO: HACKER EDITORES, 1999.**

*Resenhado por: Fernanda V. de Paula Salgado*

O autor J. M. Pinto nasceu em 1937, em Porto Alegre, R.S. Licenciado em Português e Francês é professor universitário desde 1970, tendo antes trabalhado quase dez anos como redator na *Enciclopaedia Britannica Editore LTDA*. Foi diretor do Instituto Estadual do Livro do Estado do Rio de Janeiro entre 1975 e 1979. Lecionou no Departamento de Letras da PUC-RJ entre 1971 e 1988, tendo ministrado disciplinas de graduação e pós-graduação na área de lingüística, língua portuguesa e literatura brasileira. É professor de graduação e pós-graduação da Escola de Comunicação da UFRJ deste 1970, onde tem ministrado disciplinas teóricas da área de expressão e linguagens, bem como disciplinas profissionalizantes na área de editoração. Consultor *ad hoc* da Capes e da Fapesp, é mestre em Língua Portuguesa e Lingüística pela PUC-RJ e doutor em Comunicação pela UFRJ. Especialista em semiologia, lingüística, análise de discursos e filosofia da linguagem, é autor de *Análise Semântica de línguas naturais: caminhos e obstáculos* (Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1977) e *As marcas lingüísticas da iniciação - esboço de uma gramática e iniciativa do português*. (Rio de Janeiro, Numem, 1994), além de muitos artigos publicados em revistas especializadas.

*Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*, mais uma das obras do referido autor, foi publicada em São Paulo pela Hacker Editores no ano de 1999. É uma pequena obra com apenas 105 páginas, a qual também apresenta algumas figuras para ilustrar exemplos dados pelo autor.

Este livro trata da análise de discursos, que explica e avalia criticamente o processo de produção, circulação e consumo dos sentidos vinculados aos produtos culturais, como anúncios publicitários, programas televisivos, textos jornalísticos e discursos políticos. O autor reúne neste *Comunicação e discurso* os principais conceitos da análise de discursos, concii-

liando as duas grandes tradições rivais: a francesa, cujos nomes mais representativos foram Pêcheux e Foucault e as abordagens anglo-americanas. Mas a primeira crítica a ser feita com relação a esta obra está exatamente aqui, pois J. M. Pinto aponta como destaques da corrente anglo-americana, Austin, Grice, Goffman, Garfinkel e Labov. No entanto, estes estudiosos não são analistas do discurso. Austin e Grice estão mais vinculados à pragmática; Goffman e Garfinkel são sócio-interacionistas; e Labov é sociolinguísta.

A estrutura da obra não está organizada em capítulos, mas sim da seguinte maneira: primeiro, o autor apresenta o *intróito*, no qual nos fala sobre o objetivo da análise de discursos, que é procurar explicar criticamente os processos de produção, circulação e consumo dos sentidos vinculados àqueles produtos da sociedade – os textos – os quais são produtos culturais como formas empíricas do uso da linguagem verbal, oral e escrita, e/ou de outros sistemas semióticos no interior das práticas sociais contextualizadas histórica e socialmente.

Em segundo lugar, discorre sobre *uma síntese difícil*, evidenciando que pela quantidade e pela diversidade de enfoques, fica difícil, ou mesmo impossível, repertoriar ou fazer uma síntese de todas as tendências ou correntes que hoje em dia se interessam em fazer algum tipo de análise de discursos. Aqui, o autor destaca três “subtítulos”: *um olhar sobre a tradição textual* trazendo-nos conceitos fundamentais como a *hermenêutica*, uma disciplina especializada na interpretação de quaisquer textos; a *filologia*, disciplina da linguagem intimamente associada à hermenêutica, que ligava exegese, gramática e história na produção de comentários críticos de textos antigos; a *polifonia*, uma influência muito importante de Mikhail Bakhtin; além do *dialogismo*, também muito presente nas análises contemporâneas por força da teorização bakhtianiana, está inserido na estrutura esquemática das partes do discurso. O segundo “subtítulo” dessa “parte” é *um marco sobre a pesquisa empírica*, que destaca a *análise de conteúdos*, proposta por Bernard Brelson e Harold Lassweel, pretendendo, por um processo de normalização de diversidade superficial de um grande conjunto de documentos expressos em linguagem verbal, torná-los comparáveis, abrindo caminho ao emprego de técnicas estatísticas e, mais tarde, computacionais. Exemplos: pesquisas de opinião, corpora de textos jornalísticos ou discursos políticos.

No terceiro “subtítulo” – *um encontro de tradições* – J. M. Pinto procura traçar um “perfil” da análise do discurso francesa e da análise do discurso anglo-americana. E aqui, podemos perceber sua tendência para a análise do discurso francesa, por dar mais enfoque aos conceitos desta e fazer uma abordagem um pouco superficial da escola anglo-americana, apesar de destacar importantes contribuições desta última.

Assim, afirma que a análise do discurso francesa, cujos nomes mais influentes foram Michel Foucault e Michel Pêcheux, define os discursos como práticas sociais determinadas pelo contexto sócio-histórico. Já a tradição anglo-americana, originária da Inglaterra e firmada nos EUA, onde incorporou elementos da sociologia, da psicologia e da etnologia, prende-se mais ao empirismo e aos conceitos da psicologia sobre o consciente. Porém, como podemos perceber esta concepção que o autor apresenta para a corrente britânica, na verdade, está muito mais vinculada à pragmática, além da referência “equivocada” que J. M. Pinto faz dos principais representantes da escola britânica.

Além disso, apesar de mencionar as contribuições do trabalho de Norman Fairclough, o autor parece distanciar estas duas correntes e esquece de ressaltar a significativa contribuição da corrente britânica e a sua influência sobre um grande número de pesquisadores e estudiosos da linguagem. E mais, a Teoria Social do Discurso apresentada por Fairclough tem em comum com a escola francesa de análise de discursos a visão crítica da perspectiva sobre a linguagem como prática social. No entanto, a teoria de Fairclough, como afirma a professora Izabel Magalhães, da Universidade de Brasília, “*é inovadora quando propõe examinar em profundidade não apenas o papel da linguagem na reprodução das práticas sociais e das ideologias, mas também seu papel fundamental na transformação social*”<sup>1</sup>.

Continuando a falar sobre a estrutura da obra, em terceiro lugar, J. M. Pinto discorre sobre *uma agenda para a análise do discurso* e o primeiro “subtítulo” desta “parte” – *no princípio a linguagem* – trata da necessidade de que o(a) analista dê uma atenção especial à *textura* dos textos, quer quanto ao uso da linguagem verbal, quer quanto ao uso de outras semióticas. Por

---

<sup>1</sup> Fairclough, N. *Discurso e mudança social*. Coord. trad. e pref. à ed. bras. I. Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

isso, afirma que o(a) analista de discurso deve ser uma “espécie de detetive sócio-cultural”, no sentido de que sua prática primordialmente é a de procurar interpretar vestígios que permitam a contextualização em três níveis: o contexto situacional imediato, o contexto institucional e o contexto sócio-cultural. Porém, mais uma vez, destaca uma contribuição da escola britânica, e não evidencia isso, além de usar o termo “detetive sócio-cultural” de maneira um tanto hierárquica, como se a análise de discursos buscasse estabelecer posições de superioridade e inferioridade entre os falantes, em que um dos falantes “supervisiona” esse discurso. Talvez fosse melhor trocar o termo “detetive” por “averiguador”, “pesquisador” sócio-cultural.

Além disso, é de suma importância destacar o ponto em que J. M. Pinto fala a respeito da definição de discursos como práticas sociais: *Definir os discursos como práticas sociais implica que a linguagem verbal e as outras semióticas com que se constroem os textos são partes integrantes do contexto sócio-histórico e não é alguma coisa de caráter puramente instrumental, externa às pressões sociais. Têm assim, papel fundamental na reprodução, manutenção ou transformação das representações que as pessoas fazem e das relações e identidades com que se travam as batalhas a que, no nosso dia-a-dia, levam os participantes de um processo comunicacional a procurar ‘dar a última palavra’, isto é, a ter reconhecido pelos receptores o aspecto hegemônico do seu discurso.*<sup>2</sup>

Os outros “subtítulos” desta mesma “parte” são: *heterogeneidades, mas o que é mesmo um sujeito; enunciação e imagem; dificuldades na contextualização; mediações e uma análise comparativa.*

Destes, vale a pena destacar a questão da heterogeneidade, pois para a análise de discursos, todo texto é híbrido ou heterogêneo quanto à sua enunciação, no sentido de que ele é sempre um tecido de “vozes” ou citações, cuja autoria fica marcada ou não, vindas de outros textos pré-existentes, contemporâneos ou do passado.

Outra questão que merece destaque é a explicação que o autor dá para as imagens, apontando que são poucos os casos em que o único siste-

---

<sup>2</sup> Pinto, J. M. *Comunicação e discurso – introdução à análise de discursos*. São Paulo: Hacker Editora, 1999, p. 24.

ma semiótico presente em um texto é imagético, o mais comum na cultura midiática contemporânea são os textos mistos, que reúnem texto verbal e imagens ou texto verbal, e sistemas sonoros, ou os três. A análise de discurso defende a idéia de que qualquer imagem, mesmo isolada de qualquer outro sistema semiótico, deve ser sempre considerada como sendo um discurso, recusando a categoria de “signos icônicos” ou ”ícones”, em geral, classificados pelos semiólogos.

Por último, em um *modo de dizer: mostrar, interagir e seduzir* discorre sobre a *política das embalagens*, destacando as embalagens de preparados em pó para refresco encontradas em qualquer supermercado, e que fazem parte da ordem dos discursos produzidos no interior da instituição comercial varejista.

Ademais, o problema que o emissor tem de resolver, é o de reforçar os valores hegemônicos vigentes no interior da instituição em que se dá o processo de comunicação ou de procurar modificá-los segundo novas estratégias persuasivas, tornadas possíveis por mudança nas condições sociais de produção. E conclui com a visão, da qual não podemos discordar, de que geralmente, a informação das embalagens é a mesma, sendo que as diferenças entre os invólucros dos diferentes produtos não são muito grandes, se nos ativermos aos textos verbais. Muitas das informações apresentadas respondem a exigências legais, embora o simples fato de apresentá-las contribua decisivamente para a construção do enunciador. O tipo de informação, a distribuição em blocos, as operações iniciativas empregadas são as mesmas em todos, havendo apenas pequenas diferenças na diagramação e na ênfase dada aos textos, com ligeira influência na hierarquização das informações.

Em resumo, *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos* é uma obra bastante rica em conteúdo, apesar dos equívocos mencionados ao longo da presente resenha. Mas vale a pena conhecer a obra dos realmente representantes da escola britânica, como Norman Fairclough, para melhor compreender a crítica levantada a respeito de certas afirmações feitas pelo autor J. M. Pinto.